



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Yann Andréa, "uma carta que eu continuo te escrevendo"¹

Aurélie-Flore Pascal

Orcid: 0009-0007-1537-9366

Psicóloga Clínica

Psicanalista

Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica Psicanalítica (Paris, França)

Doutora em Psicanálise pela Universidade Paris 8 (Paris, França)

Psicóloga em Établissement Public de Santé (EPS) de Ville-Évrard (Paris, França)

Psicóloga no Centre Psychanalytique de Consultation et de Traitement (CPCT) (Paris, França)

E-mail: aureliflore.pascal@gmail.com

Resumo: Jovem estudante de filosofia em Caen, Yann Andréa, então conhecido como Yann Lemée, descobre a escrita de Marguerite Duras e, instantaneamente galvanizado pela experiência, começa a escrever para ela, quase todos os dias, às vezes várias vezes ao dia, em pacotes, sem esperar por uma resposta. Tocada pela força de Yann, Duras lhe responde, dedica uma obra a ele e acaba compartilhando sua vida com ele. Trata-se de um amor que não é vestido pelo fantasma, mas que é apertado em torno de um ponto de realidade, a escrita. Sophie Marret-Maleval utiliza o casal Duras/Andréa como exemplo negativo para ilustrar a inexistência da relação sexual: a função de ligação do amor, expressa como S1-a, é realizada nesses momentos de escrita através de suas posições subjetivas respectivas: M. Duras no lugar de produzir os S1 e Y. Andréa no lugar do objeto.

Palavras-chave: Relação sexual; Escrita; Objeto; Ligação; Amor.

Yann Andréa, "une lettre que je continue de vous écrire": Jeune étudiant en philosophie à Caen, Yann Andréa qui s'appelle encore Yann Lemée, découvre l'écriture de Marguerite Duras, instantanément galvanisé par l'expérience, il se met à lui écrire, presque tous les jours, parfois plusieurs fois par jour, par paquets, sans attente de réponse. Touchée par la puissance de Yann, Duras lui répond, lui dédie une œuvre et finit par partager sa vie avec lui. Il s'agit d'un amour qui n'est pas habillé par le fantasme mais qui est resserré autour d'un point de réel, l'écriture. Sophie Marret-Maleval prend le couple Duras/Andréa en exemple pour illustrer par la négative l'inexistence du rapport sexuel : la fonction d'agrafe de l'amour, qui s'écrit S1-a, serait réalisée dans ces moments d'écriture à travers leurs positions subjectives respectives : M. Duras en place de produire les S1 et Y. Andréa au lieu de l'objet.

Mots clés: Rapport sexuel; Écriture; Objet; Agrafe; Amour.

Yann Andréa, "a letter I keep writing to you": A young philosophy student in Caen, Yann Andréa, still known as Yann Lemée, discovers the writing of Marguerite Duras, instantly galvanized by the experience, begins to write to her, almost every day, sometimes several times a day, in packages, without expecting a response. Touched by Yann's power, Duras replies to him, dedicates a work to him, and eventually shares her life with him. This is a love that is not clothed in fantasy but is centered around a point of reality: writing. Sophie Marret-Maleval uses the Duras/Andréa couple as a negative example to illustrate the absence of the sexual relationship: the function of bonding that love performs, expressed as S1-a, is realized in these moments of writing through their respective subjective positions: M. Duras in the position of producing the S1 and Y. Andréa in the place of the object.

Keywords: Sexual relationship; Writing; Object; Bonding; Love.

Yann Andréa, "uma carta que eu continuo te escrevendo"

Aurélie-Flore Pascal

Um jovem estudante de filosofia em Caen, Yann Andréa, então chamado Yann Lemée, descobriu a escrita de Marguerite Duras. Ele diz: "Primeiro, li o nome, olhei o nome, o prenome e o sobrenome. E me encantou imediatamente. Esse pseudônimo de escritor. Esse nome emprestado. Esse nome de autor" (Andréa, 2016, p. 9). Ele descreve como esse encontro literário marcou um antes e um depois em sua vida: "O primeiro encontro foi com '*Les Petits Chevaux de Tarquinia*', a primeira leitura, a primeira paixão. E então, deixei tudo para trás, todos os outros livros, Kant, Hegel, Spinoza, Stendhal, Marcuse e os outros. Comecei a ler tudo: todos os livros dela, os títulos, as histórias, todas as palavras" (Andréa, 2016, p. 10).

"Dor Primorosa"

Em 1975, aos vinte e três anos, ele a conheceu em Caen, no cinema Lux, um cinema de Arte e Ensaios, durante a exibição de *India Song*. Y. Andréa participou do debate e depois lhe deu seu livro *Détruire dit-elle* para assinar, perguntando se podia escrever para ela. M. Duras devolveu o livro assinado com seu endereço. Ele escreveria para ela quase todos os dias, às vezes várias vezes por dia. Ele diz: "Eu nunca releio o que escrevo, eu envio a carta imediatamente. Eu não quero guardar nada. Eu envio pacotes de cartas. Não espero por uma resposta [...] Não espero nada. Apenas espero" (Andréa, 2016, p. 14).

M. Duras usaria essas cartas para escrever seu livro *Yann Andréa Steiner*. Algo nela foi tocado, talvez por uma certa angústia que emanava das cartas de Andréa. Ela escreveu: "Eram cartas muito curtas, como bilhetes, eram, sim, chamados de um lugar impossível de se estar, mortal, de uma espécie de deserto. Esses apelos eram de uma beleza evidente" (Duras, 1992, p. 8). Ela não respondeu a ele até 1980, cinco anos depois, quando lhe enviou seu livro *L'Homme assis dans le couloir*. Y. Andréa ficou desorientado: "Eu não entendo, me pergunto o que é essa história de sexo, a irrupção do físico. Estou chocado" (Andréa, 2016, p. 15). Ele parou de escrever para ela, sem saber como responder. Ela reenviou o exemplar e, em seguida, enviou-lhe três outros livros, um dos quais escrevera para ele: "Acabei de terminar '*Aurélia Steiner*', para o cinema, acredito que um dos textos seja para você" (Andréa, 2016, p. 16). Y. Andréa volta a lhe escrever: "Estou ficando louco [...] Estou tomado por uma paixão violenta por essa máquina cinza. Noites inteiras digitando algumas palavras. Encontrei um título incrível: 'Dor primorosa'" (Andréa, 2016, p. 17). M. Duras escreveu a ele: "Suas cartas são lindas, as mais belas de toda a minha vida me parecia, eram dolorosas" (Duras, 1992, p. 10).

Em julho de 1980, Y. Andréa telefonou para M. Duras, que o convidou para se juntar a ela em Trouville, em sua casa, no apartamento em Roches Noires. Durante um programa de televisão², em resposta a uma convidada que procurava entender por que M. Duras não havia respondido às suas cartas durante cinco anos, Y. Andréa respondeu que não havia nenhuma explicação: "A única resposta era que eu viesse e ficasse". Y. Andréa havia compartilhado com M. Duras que havia planejado se

encontrar com ela antes de tirar a própria vida. No entanto, ele acabou não partindo e permaneceu ao lado dela nesse apartamento. Ele escreveu: "Eu simplesmente sei que estou aqui, com ela, desde sempre e para sempre... estou aqui. Na cama, na cozinha, no carro, nas risadas, nas discussões, nos textos, na ditadura das palavras que se inventam, estou aqui" (Andréa, 2016, p. 37). Y. Andréa abandonou sua própria vida para estar ao lado dessa mulher que o "inventa", como ele descreve: "Ela acredita nisso, ela me inventa, ela me dá um nome, ela me dá uma imagem, ela me chama... ela me dá tudo" (Andréa, 2016, p. 42). Na verdade, foi M. Duras que deu a Y. Andréa um nome de autor em setembro de 1980, substituindo o nome do pai pelo nome da mãe. Ele escreve:

As crônicas semanais para o *Libération* são publicadas pelas *Éditions de Minuit*. O livro se chama *L'Été 80'*. É dedicado a mim. A partir de agora, eu carrego o nome Yann Andréa... Nós dois temos nomes fictícios, pseudônimos, nomes falsos que se tornam reais porque foram escolhidos e escritos por ela. É ela quem os escreve, exatamente, e assim ordena a filiação da mente. Tudo pode começar porque eu sou nomeado por ela e esse nome está escrito em um livro. (Andréa, 2016, pp. 22-23).

Durante dezesseis anos, Y. Andréa servirá à escrita de M. Duras. Dois anos após o início de seu relacionamento, ele sentiu a necessidade de falar sobre o que estava vivendo com ela, sobre esse "invivível". Ele pediu a sua amiga jornalista Michèle Manceaux que o entrevistasse. Ele se recusou a guardar as gravações dessas entrevistas e as entregou a ela. A transcrição delas resultou em um livro publicado após sua morte, intitulado *Je voudrais parler de Duras* e de uma interpretação cinematográfica: *Vous ne désirez que moi*, um filme de 2021 dirigido por Claire Simon.

Em 1983, logo após o tratamento de desintoxicação de álcool de M. Duras, um período particularmente difícil, Y. Andréa escreveu seu primeiro livro, *M.D.*. Ele menciona o encontro deles e o drama que se seguiu: "Foi inevitável, não entendo como isso vai acabar, e nem se um fim é possível. Não sei como aconteceu, só sei que era inevitável, a porta tinha que se abrir... A porta se fecha, bebemos para esquecer o insuportável" (Andréa, 2006, p. 40). De fato, eles estavam afundados no álcool desde o início de seu relacionamento. Yann bebia com Marguerite e era testemunha da lenta degradação da qual ele fazia parte. Foi preciso que M. Duras fosse hospitalizada para que ele visse algo do corpo dela, que estava se deteriorando: "Pela primeira vez, vejo seus tornozelos e pernas inchados, vermelhos. O corpo inteiro treme, sem restrições agora. Eu olho para você e esta noite vejo a extensão do desastre" (Andréa, 2006, p. 22). Durante a desintoxicação de M. Duras, os médicos a aconselharam a ver outras pessoas para evitar ficarem sozinhos juntos. Y. Andréa escreveu na época: "Estamos na mesma convalescença, na mesma felicidade de estar aqui" (Andréa, 2006, p. 127), o que revela o quão estreita é a fronteira entre o desastre mencionado anteriormente e a felicidade. Y. Andréa fala de uma "proximidade insuportável e necessária" (Andréa, 2016, p. 38). Ele também dirá que entre eles havia uma "luta para sobreviver" e um "desejo inusitado de matar e amar" (Andréa, 2006, p. 34).

É um amor que não é vestido pelo fantasma, mas está centrado em um ponto de realidade, a escrita: "Eu não podia fazer de outro jeito. Ela não podia fazer de outro jeito. Era necessária essa tristeza, esse sofrimento, [...] e fazer livros, fazer palavras" (Andréa, 2016, pp. 31-32). Para Y. Andréa, era importante que algo se inventasse, e isso passava pela escrita. "O que preferimos acima de tudo é escrever, no fundo, porque isso acontece com todos os casais, as brigas, tudo isso, não é muito original. O que era especial é que algo estava sendo inventado"².

Os momentos de escrita entre eles

Durante os últimos anos de sua vida, a partir do momento em que sua mão tremia demais para escrever devido ao álcool, M. Duras ditava o texto de seus livros para Y. Andréa, que se colocava literalmente a serviço de sua escrita: "É sempre abrupto. Quando isso acontece, eu sei: a escrita ocorre diante de mim. Você imediatamente diz as palavras. Imediatamente eu digito. [...] Eu espero pela palavra, ouço sua voz e então ela se inscreve na folha. Eu não entendo. Apenas ouço o som da voz" (Andréa, 2006, p. 8). Às vezes, M. Duras adormecia sobre as folhas, e ele ficava ao lado dela até que ela retomasse: "E toda vez, é inevitável, é como uma maravilhosa desgraça, começa novamente, ela escreve. [...] Eu espero, estou aqui para isso, para as palavras [...] Mais do que qualquer outra coisa no mundo. Estamos aqui, *Together*" (Andréa, 2016, p. 34).

Sophie Marret-Maleval utiliza o casal Duras/Andréa como exemplo em seu artigo *Um acordo impossível* (2018) para ilustrar, de forma negativa, a inexistência da relação sexual:

S1 do lado dela, ou mesmo A Mulher, da qual Lacan diz que é o Outro nome do Pai, o pequeno *a* do seu lado, as condições estão reunidas para que isso se escreva entre eles, pelo menos às vezes, temporariamente, especialmente nos momentos de escrita (Marret-Maleval, 2018, n.p.).

Ou seja, a função de ligação do amor, que se escreve como S1-*a*, seria realizada nesses momentos de escrita através de suas posições subjetivas respectivas: M. Duras no lugar de produzir os S1 e Y. Andréa no lugar do objeto. Para Y. Andréa, é importante que ela tenha uma função simbólica, uma função vital, mas também podemos perceber o quão forte é a despersonalização, até mesmo a desumanização: "Eu não vejo mais diferença entre os livros que estão sendo escritos e essa história, essa história entre ela e eu" (Andréa, 2016, pp. 27-28). "Nós não existimos mais. Não há mais nome, não há mais nome de autor, há apenas escrita acontecendo" (Andréa, 2016, p. 32). Isso explica por que a dimensão do fracasso amoroso está ausente nesses momentos tão especiais; Y. Andréa parece dissolvido na escrita, há uma forma de harmonia, um acordo perfeito entre a boca de Marguerite e a mão de Yann. Não se trata de desejo, de falta que introduz o mal-entendido, mas sim de dois corpos que desfrutavam juntos: "Eu a ouço, vejo sua boca dizendo as palavras, e nós bebemos, e eu repito as palavras" (Andréa, 2006, p. 36).

Aquilo que chamamos de relação sexual com Jacques Lacan, Y. Andréa descreverá como um

"ponto matemático" que às vezes seria alcançado em seu relacionamento e que não poderia desaparecer, pois está escrito. S. Marret-Maleval (2018) fala de uma "versão final, paroxística do amor" em Duras/Andréa, que "ilustra uma condição de possibilidade de um amor que verdadeiramente faz uma relação, ao preço de sua própria inexistência" (n.p.).

Portanto, em sua história, a relação sexual está ligada aos momentos de escrita, relaciona-se a uma escrita - S1-a. Y. Andréa esclarece que se trata de escrever:

para tornar o amor maior, talvez, para que o amor esteja o mais próximo possível do visível, palpável, que possa ser tocado, como se fosse possível. Às vezes, isso acontece, às vezes a palavra é escrita, às vezes um sorriso entre você e eu, às vezes o ponto matemático que não pode desaparecer (Andréa, 2006, p. 57).

"Esse Amor Existe"

Após a morte de M. Duras, Y. Andréa mergulha no infinito do tempo, no vazio, e escreve: "Não estou triste. Não sou nada. Estou desempregado. Não sei mais o que fazer" (Andréa, 2006, p. 74). Ele vai morar no quarto que M. Duras deixou para ele, na Rue Saint-Benoît, em Paris, na mesma rua onde eles moraram juntos.

Y. Andréa, incapaz de recorrer ao fantasma que lhe atribuiria um lugar junto ao Outro, encontra uma definição para seu ser do lado da não-definição. Isso fica evidente em sua narrativa sobre seu nascimento e seu nome - uma narrativa que revela um defeito imaginário:

Nasci em 24 de dezembro de 1952, na Bretanha, na cidade de Guingamp. Era quase meia-noite, e o médico disse à minha mãe para continuar, pois ele tinha que ir à missa da meia-noite. E, de fato, nasci antes da meia-noite, em 24, e não em 25. Minha bisavó, Louise M., queria que eu fosse chamado de Raphaël. Mas meu batismo foi diferente: Yann. Ou seja, João Batista. Foi o que Louise me disse, Yann é João Batista, não João Evangelista. Eu não entendia muito bem, sabia que meu dia de festa era em 24 de junho. [...] Pensei comigo mesmo: me chamaram assim porque dá duas vezes seis e duas vezes doze. Tenho certeza de que é uma coincidência, que ninguém pensou nisso, mas gosto de pensar assim: estou perfeitamente dividido, sou um + um. Sou destro e canhoto, cerebral e físico, não sou nada disso, estou no meio-termo, em um espaço e um tempo não resolvidos. Não tenho um lugar determinado, posso ocupar todos os lugares, todos os empregos que quiserem me dar, tudo me serve, tudo me agrada. Sou de quem me quiser, sem preferência, no absoluto de uma não-escolha. (Andréa, 2006, pp. 115-116).

Ele continua, dizendo: "Às vezes, não penso em nada, absolutamente em nada. Zero. Estou à beira de me deixar, de morrer sem querer... É o vazio. Um desespero sem nome" (Andréa, 2006, p.

116). Quando o corpo de Marguerite Duras não está mais ao seu lado para lhe dar literalmente um emprego, uma consistência, é o próprio corpo de Y. Andréa que ele abandona. Seu corpo está prestes a se tornar um detrito. Ele consegue nomear isso: "Não há mais dia, não há mais tempo, não há mais noite, eu vivo aqui, neste lixo. Eu encontro a palavra: sou um lixo. Isso me faz bem. Pelo menos sou isso, um lixo" (Andréa, 2006, pp. 83-84).

Dois anos e meio após a morte de M. Duras, em 30 de julho de 1998, Y. Andréa consegue pedir ajuda telefonando para sua mãe:

Tudo volta. É abrupto. É evidente... Minha mãe vai vir... Eu tenho apenas uma palavra a dizer, e tudo volta ao que era. Sou o favorito, absoluto, sem palavra, sem livro, sem história, uma espécie de amor antes do conhecimento da palavra. Antes do meu nascimento e da palavra. (Andréa, 2006, p. 89).

Em seguida, ele conhece Maren Sell, romancista e editora, que se apaixona por Y. Andréa e com quem publicará um livro sobre seu relacionamento: *L'Histoire*. Parece que ele encontrou uma escritora que o inscreve, contando sua paixão por ele em um livro. Y. Andréa fala a Maren Sell sobre seu relacionamento com M. Duras: "Começou assim: era janeiro de 1999... Registramos o fluxo de palavras... Ela deixa acontecer. Todo o caos. Transcrevemos as fitas, e tenho diante de mim um monte de folhas, centenas de páginas" (Andréa, 2006, p. 189). Yann lê as folhas e depois as deixa de lado para começar a escrever seu livro *Cet Amor-là (Esse Amor aí)*.

Escrevo como um louco uma longa carta. Toda manhã, uma carta para aquela que eu chamo de: M.D. Faço isso sem saber o que estou realmente fazendo. Escrevo sem reler... Toda manhã, eu obedeco. Eu escrevo. Escrevo para você como se fosse possível escrever para você. E de fato, eu faço. Pronto. Esse Amor aí existe. (Andréa, 2006, p. 189).

Y. Andréa volta a escrever, para que "isso continue", para estar presente. A escrita assume o controle e faz o nome existir além da morte do corpo, permitindo que seu próprio corpo continue vivo:

Eu começo a escrever cartas para você como no verão de 80, como antes de 3 de março de 1996 [data da morte de M.D.], isso continua. O que mudou entre você e eu... Não estou dizendo que você não morreu, não, não estou dizendo isso, não estou louco, mas estou dizendo que isso não muda nada" (Andréa, 2006, p. 108).

Y. Andréa explica que, quando ele lê o nome de Duras, "a separação não existe... Sim, acredito nisso: a presença existe toda vez que o nome é dito, toda vez que a palavra é lida" (Andréa, 2006, p. 108). Para ele, trata-se de garantir que esse amor que ele tem por Duras, do lado de colocar em

funcionamento a letra, não cesse. Y. Andréa escreve, se libertando um pouco do "nada" com o qual está lidando. Ele escreve que basta ver "como as palavras não são nada, mas é necessário passar por elas, senão não haveria nada, absolutamente nada" (Andréa, 2006, p. 79).

Assim, ele faz um uso da carta de amor muito específico, por que é dirigido a uma mulher morta, em todo caso, o corpo, o substantivo que basta para tornar operativa a função do gancho: "Você e eu. *Together*. Daqui para frente sem seu corpo, por que você está morta" (Andréa, 2006, p. 82), "eu vivo. Olhe, olhe para mim, estou falando contigo, essa vontade de me matar está passando" (Andréa, 2006, p. 168).

Tradução: Catarina Coelho dos Santos

Notas:

1. (Andréa, 2016, p. 132).
2. Cf. Thierry Ardisson recebe o escritor Yann Andréa em *Tout Le Monde En Parle*, em 18 de dezembro de 1999.

Referências Bibliográficas

- Andréa, Y. (2006). *M. D.* Paris: Les Éditions de Minuit.
- Andréa, Y. (2016). *Cet amour-là*. Paris: Pauvert.
- Duras, M. (1992). *Yann Andréa Steiner*. Paris: Gallimard.
- Marret-Maleval, S. (2018). Un impossible accord. *Ornicar?*, 52.

Citação/Citation: Pascal, A-F. (mai. 2023 a out. 2023). Yann Andréa, "uma carta que eu continuo te escrevendo" (C. Coelho dos Santos, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 130-136. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n36p130-136.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 01/09/2023 / 09/01/2023.

Aceito/ Accepted: 16/09/2023 / 09/16/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.